O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2010

VOLUME I

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO - SEED
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO - SUED
FACULDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS E LETRAS DE CAMPO MOURÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE

Nilva Margarida Coura Grigato

O ACERVO MATERIAL NA SALA DE AULA: Relações de Trabalho no Processo de Ocupação do Município de Juranda (1950 a 1970) a partir do Acervo Material/Memorial da Casa da Cultura Municipal

Artigo apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, vinculado à Universidade Estadual do Paraná – UEPR/ Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão –FECILCAM e à Secretaria de Estado da Educação, sob orientação do Professor Me. Jorge Pagliarini Junior.

CAMPO MOURÃO

2012

O ACERVO MATERIAL NA SALA DE AULA: Relações de Trabalho no Processo de Ocupação do Município de Juranda (1950 a 1970) a partir do Acervo Material/Memorial da Casa da Cultura Municipal

Autora: Nilva Margarida Coura Grigato[1]
Orientador: Jorge Pagliarini Júnior[2]

RESUMO:

Este artigo dialoga com discussões e resultados do projeto "O Acervo Material na Sala de Aula: relações de trabalho no processo de ocupação do município de Juranda (1950 a 1970), a partir do Acervo Material/Memorial da Casa da Cultura Municipal", vinculado ao PDE, ano de 2001-2011. As reflexões teóricas e metodológicas estão norteadas por problemáticas comprometidas com o estudo de memórias (individual e coletiva), educação e museu, narrativas (estudo intelectual e linguístico), análise crítica de fatos históricos consagrados na historiografia oficial local, intercâmbio de papéis entre observador e observado, e cultura popular, no caso, a cultura local. O projeto, composto pelas fases de pesquisa e de intervenção em sala de aula, teve como tema "História e Historiografia do Paraná", e problematizou o acervo memorial e toda uma diversidade de fontes que se encontravam na Casa da Cultura local. Com a intenção de se fazer algo acontecer, buscou-se dar significado a esses objetos, reestudá-los, atribuir-lhes importância histórica para provocar uma nova compreensão à memória da sociedade local. Nesse sentido, procurou-se superar uma carência de conhecimento no meio educativo em relação ao tema em questão, evidenciando-se, nas metodologias propostas, a necessidade de instigar os alunos do 1° ano do Ensino Médio a conhecer o processo de ocupação da sociedade jurandense. Partindo desse contexto, e com um olhar dialógico, foi possível contribuir para a formação de sujeitos críticos de sua história, oportunizando-lhes a participação na formação sociocultural do povo de Juranda.

Palavras-chave: Acervo Material. Relações de Trabalho. Memória. Historiografia. Juranda.

ABSTRACT:

This paper discusses results and discussions of the project - The body of material in the classroom: working relationships in the process of occupation of the city of Juranda (1950-1970), Material from the Collection / Memorial Municipal House of Culture, linked to PDE, the year of 2001-2011. The theoretical and methodological reflections are guided by issues committed to the study of memory (individual and collective), education and museum narratives (intellectual and language study),

[1] Graduada em História pela FAFIMAM de Mandaguari, Pós-Graduada em Pedagogia do Ensino Religioso pela PUC/ASSINTEC de Curitiba. Atua no Colégio Estadual João Maffei Rosa – E. F. M.
[2] Graduado e Mestrado em História pela Unioeste de Cascavel, IES – FECILCAM de Campo Mourão.

critical analysis of historical facts set forth in the official historiography local exchange of roles between observer and observed, and popular culture, where the local culture. The project consists of the phases of research and intervention in the classroom had the theme "History and Historiography of Parana," and problematized the acquis memorial and a diversity of sources that were in the local House of Culture. With the intention to make something happen, we attempted to give meaning to these objects, reestudá them, give them historical importance to provoke a new understanding to the memory of local society. In this sense, we tried to overcome a lack of knowledge in the educational environment in relation to the subject matter, showing the methodologies proposed the need to excite students of 1st year of high school to know the process of occupation of society jurandense. From this context, and a dialogic view, could contribute to the formation of critical subjects in its history, providing opportunities for them to participate in shaping the socio-cultural people of Juranda.

Keywords: Material Collection. Labor Relations. Memory. Historiography. Juranda.

1 Introdução

Este artigo dialoga com discussões e resultados do projeto "O ACERVO MATERIAL NA SALA DE AULA: Relações de Trabalho no Processo de Ocupação do Município de Juranda (1950 a 1970) a partir do Acervo Material/Memorial da Casa da Cultura Municipal", vinculado ao PDE, ano de 2001-2011. As problemáticas apresentadas estão embasadas pela temática História e Historiografia do Paraná, tendo como objeto de estudo o acervo material produzido no e pelo município de Juranda-PR, hoje com guarda na Casa da Cultura local, com um recorte temporal referente desde o processo de ocupação desse território, nas décadas de 1950 a 70, até os dias atuais, a partir da preocupação com o estudo de discursos da colonização e apropriação deles nas memórias locais.

Dentro da cultura histórica de Juranda, no acervo memorial encontra-se uma diversidade de fontes guardadas e sem utilidade prática. Partindo desse contexto, com este trabalho buscou-se fazer algo acontecer, como, por exemplo, dar significado a esses objetos, reestudando-os, atribuindo-lhes importância histórica, com a finalidade de provocar nas pessoas, especificamente nos alunos do ensino básico, uma nova compreensão da memória da sociedade local.

Além disso, percebia-se uma ausência de conhecimento no meio educativo em relação ao tema em questão, por isso surgiu a necessidade de instigar os alunos do 1° ano do Ensino Médio do Colégio Estadual "João Maffei Rosa" – Ensino

Fundamental e Médio, do município de Juranda-PR, a conhecer o processo de ocupação da sociedade jurandense. Essas memórias individuais dos poucos migrantes-fundadores e os utensílios da época recolhidos nas últimas décadas poderiam ser mapeadas no estudo desse acervo cultural entre as décadas de 50 a 70. E outras memórias seriam produzidas na continuidade do projeto.

Com isso, teve-se o propósito de contribuir para a formação de sujeitos conhecedores de sua história local, oportunizando-lhes a participação de sabedores da importância de sua geração na formação sociocultural do povo de Juranda. Nesse sentido, era preciso torná-los sujeitos críticos, capazes de reconhecer o fruto de seu tempo. Pois, se o sujeito se humaniza pelo conhecimento e se o conhecimento é socialmente construído, tornou-se relevante conhecer a formação histórica da qual cada um faz parte.

Para tanto, foi preciso elucidar dúvidas, comprovar e desmistificar fatos com um olhar crítico e dialético sobre os objetos e as trajetórias individuais das pessoas estudadas, como forma de contribuir com a comunidade escolar. A partir dessas premissas, o problema inicial era saber se, com o acervo memorial de Juranda, seria possível compreender o desenvolvimento sociocultural da sociedade jurandense entre as décadas de 50 a 70 para dar significado às memórias dos migrantes-colonizadores e às novas leituras em sala de aula. Para isso, foi preciso investigar o acervo memorial para análise e compreensão e, assim, refletir sobre o silenciamento ou, ainda, considerar esse lugar enquanto um local de poder.

Nessas perspectivas, o embasamento teórico contou com a realização de críticas e reflexões de autores comprometidos com a memória (individual e coletiva), educação e museu, filosofia (intelectual e linguística), fatos e intercâmbio de papéis entre observador e observado, cultura popular, no caso, a cultura local. Isso inclui estudar a folclorização da sociedade, o domínio sobre a cultura material e a produção da narrativa histórica, conceitos de identidade, patrimônio, memórias ideológicas, memórias locais e a função dos museus na atualidade. Ainda foram utilizadas as fontes locais, como: arquivos públicos e particulares, Lei Orgânica do Município, recortes de jornais, revistas, fotos, filmagens, músicas, poemas, objetos de uso pessoal, mapas, depoimentos, entre outros.

A proposta inicial seria a visitação ao acervo memorial da Casa da Cultura de Juranda, onde seriam feitos apontamentos, questionamentos junto aos alunos sobre os materiais e os documentos lá existentes. Devido, porém, ao fato de essa

instituição estar passando por reformas, houve a necessidade de mudança na metodologia. Com essa preocupação, optou-se por trazer imagens do acervo para a sala de aula e, assim, concretizar essa fase do projeto.

Com isso, os alunos observaram, através das fotografias, os materiais lá existentes e puderam estabelecer relações sociais, políticas e econômicas entre os objetos e os sujeitos formadores da história local. A partir daí, foi realizado um trabalho de investigação histórica, trabalho no qual os próprios alunos buscaram objetos pertencentes às famílias que participaram da ocupação do município durante as décadas de 50 a 70, processo de produção do conhecimento que propiciou debates a respeito de sujeitos fundadores que se encontravam ausentes das memórias oficiais desse período histórico local. Na sequência, incentivou-se a coleta de materiais e posterior análise pelos alunos para a devida preparação do arquivo, com catalogação para o processo de leitura de cada utensílio coletado.

Outra atividade pautou-se na construção, por parte dos alunos, de um arquivo histórico oral baseado em imagens das narrativas feitas pelos colonizadores ou parentes. E, para finalizar, houve uma apresentação do projeto com “Museu de Ofícios”, na sala de artes do próprio colégio, contando com a presença de algumas pessoas da comunidade local, pessoas que, do material exposto, falaram da sua utilização no seu cotidiano durante o citado período da colonização.

Segundo Samuel (1990), “[...] há histórias que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar; eventos do passado que só elas podem explicar [...] que só elas podem lembrar”. E, se os fatos narrados são construções históricas da subjetividade pessoal, estes são definidos por Ralph Wando Emerson como “homens representativos”, modelos de homens que se constituem em símbolos da identidade local.

É importante ressaltar que existiam questionamentos sobre a história da sociedade local, deparando-se com indagações quanto às memórias (objetos, fotos, depoimentos), levantados por um grupo de professores com intuito de criar o Acervo Memorial de Juranda, mas que, por motivos afins, não obtiveram o resultado desejado. O processo de formação da identidade e do patrimônio histórico de Juranda depara-se com certa ausência e silenciamentos no tocante às fontes existentes e contradições sociais, refletidos nas relações sociais e culturais locais. De certa maneira, nosso trabalho de pesquisa e aplicação em sala de aula procurou trabalhar a partir desses desafios.

2 O Desenvolvimento do Trabalho: quem faz a história?

O Caderno Pedagógico tratou de acervo material na sala de aula, tendo como viés o estudo das relações de trabalho dos colonizadores no processo de ocupação do município de Juranda-PR, no período compreendido entre 1950 a 1970. Entretanto, o ponto de partida foi o acervo material/memorial disponível na Casa da Cultura do município onde se encontra o Colégio Estadual "João Maffei Rosa" – E. F. M.

Lidar com memórias e patrimônio histórico a partir da escala do local implica a constatação prática de um problema que aflige os professores. Trata-se da recepção da disciplina frente aos alunos em sala de aula. Segundo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de História (2008), em sua trajetória, o ensino de História priorizava o ajuste do aluno ao cumprimento dos seus deveres patrióticos, bem como privilegiava conceitos básicos para adaptá-los à realidade. E, assim, a História era tratada de maneira linear e cronológica transmitida, pelos heróis. As resistências à outra leitura ainda estão presentes na sala de aula e desafiam propostas metodológicas.

Logo, a disciplina de História apresentou-se de forma pragmática nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para resolver problemas imediatos e próximos ao aluno, enfatizando a importância da relação do conhecimento com a vivência em curso, principalmente no contexto do trabalho e do exercício da cidadania (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE HISTÓRIA, 2008).

E, sabe-se, epistemologicamente, que o processo de aprendizagem necessita de um entendimento dos conceitos do conteúdo proposto. Assim sendo, seria preciso perceber a necessidade de visualizar essa questão. Por isso surgiu o seguinte questionamento: “Será que os conceitos históricos estão sendo adequados à realidade do aluno?” e "Será que os conceitos estão bem situados, bem definidos no contexto histórico que se apresenta?”.

Em resposta a tais questionamentos, recorreu-se a Schmitd; Cainelli (2010), através da afirmação de, em primeiro lugar, muitos dos conceitos que são apresentados aos alunos na aula de história possuem um nível de abstração muito elevado. A isso se une o fato de a complexidade de muitos deles exigir a

compreensão de outros conceitos, pois os indivíduos tendem a criar uma representação global e os significados dependem do momento histórico, do contexto, da perspectiva historiográfica utilizada, etc. (CARRETEIRO, 1997, p.36).

Assim, para a compreensão do próprio conceito de “História Local”, fez-se necessário levar os alunos à reflexão sobre os clássicos questionamentos: “O que é História?” e “Quem faz a História?”. São questionamentos mais significativos pela problemática que desencadeiam do que pelas possíveis respostas, para, consequentemente, os alunos se poderem perceber como protagonistas da história local e/ou mundial.

A partir dessa problemática, que buscou destacar os “sujeitos ocultos” da historiografia oficial sobre a região de Juranda-PR, recorreu-se à Nova História, iniciada na década de 1960 e à Nova História Cultural na década de l980, momentos em que historiadores passaram a observar a história a partir de novos conceitos, de novos métodos e, sobretudo, a partir de novas perguntas ao formularem a produção do conhecimento histórico. Essas representações têm demonstrado outros significados, possibilitando aos educadores novas abordagens no fazer história em sala de aula, utilizando-se de mais fontes de pesquisa.

> A História tem como objeto de estudo os processos históricos relativos às ações e às relações humanas praticadas no tempo, bem como a respectiva significação atribuída pelos sujeitos, tendo ou não consciência dessas ações [...]. A investigação histórica voltada para a descoberta das relações humanas busca compreender e interpretar os sentidos que os sujeitos atribuem às suas ações. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE HISTÓRIA, 2007, p. 46).

Graças a essa nova visão historiográfica, a história local ganhou espaço na historiografia atual, seguida pela história oral, vinculada à memória individual e coletiva. Por essa perspectiva é que foi elaborado o Caderno Pedagógico para tratar do acervo material em sala de aula, analisando as relações de trabalho estabelecidas entre os atores sociais e o objeto material produzido pela sociedade local (município de Juranda e região). Tratou-se, em linhas gerais, de fazer uma análise reflexiva, com um olhar crítico e dialético sobre os objetos estudados.

Essa análise possibilitou ao aluno participar do processo de ocupação da sua localidade, frente (presente) aos objetos (passado), ressignificando-os ao relacioná-los aos atores sociais, no processo de desenvolvimento do trabalho local. Ao mesmo tempo em que reconhece os atores sociais oficializados, questiona-se a

respeito dos ausentes e/ou dos silenciados, bem como reconhece os próprios alunos enquanto atores sociais capazes de produzir conhecimento sobre a história do seu município.

Assim, a produção de narrativas históricas permeou a análise da Casa da Cultura, e da construção do acervo, atrelando significados históricos aos objetos, em uma perspectiva dialógica, um diálogo com discurso como o do pioneirismo, com realidade social e histórica dos alunos e com oralidade de familiares deles próprios.

Para atender a essa perspectiva, o trabalho foi desenvolvido durante todo o processo de ensino-aprendizagem, integrando pesquisa histórica e leitura de material previamente selecionado. Assim se procedeu, pois é oportuno fazer uso dos "recursos didáticos para a comunicação de conceitos", conforme a proposta bem construída por Schmidt; Cainelli (2010, p. 90). Para as autoras, é de suma importância ministrar as aulas de forma clara, agradável e enriquecedora, envolvendo projeto contínuo e aprendizagem recíproca entre professor e alunos, num diálogo e relação entre o tema e a concepção do aluno sobre o mesmo tema. Esses procedimentos são relevantes para a organização do saber, articulando elementos característicos do saber histórico com os do fazer pedagógico, o que proporciona aos alunos, a participação do processo de fazer, contar e narrar a história.

2.1 Revisitando a História Local: um breve histórico de Juranda e a problematização do conceito de pioneirismo

Na etimologia do termo, Juranda vem do tupi "jur"... vir, vem + "andá"... frutas: frutas que vêm (IBGE). Todavia, para além dessa designação, o nome do município remete aos moradores e ao movimento contemporaneamente marcado pelo pioneirismo. O fato é comprovado pelo texto a seguir, representante do discurso oficial do município.

> Colonizada pelos imigrantes europeus, em Juranda, encontramos descendentes da comunidade ucraniana, polonesa, italiana e alemã. Com o transcorrer dos anos houve a miscigenação com os "brasileiros" vindos de outras regiões do Paraná e do Brasil, em especial os paulistas, mineiros, gaúchos e baianos. No final dos anos 90 chegaram algumas famílias de origem japonesa. Atualmente, ao traçarmos a árvore genealógica de algum habitante que reside a bom tempo na cidade, identificamos que compartilha grau de parentesco com grande parte dos moradores.

> Origem Histórica. A Colonizadora Szaferman Ltda, dona de extensa área de terras localizada no interior do município de Campo Mourão, decidiu criar uma cidade. Desta forma optou por lotear e vender suas terras.
> Entre os colonizadores e primeiros moradores da localidade, vindos entre 1949 e 1950, destacam-se Simão Szaferman, Benjamin Meize Szaferman, João Maffei Rosa, Lino Maffei Rosa, João Batista Chiesa, Ozório de Almeida, Theodoro Malacoski, Dr. João Antônio Saes Cervantes (primeiro médico), Estanislau Novak, Antônio Bezerra, João Martins Santana, João Polinarski, Zenóvio Szerametta, Nicolau Mazur, Paulo Mazur, Felipe Novak, Salako Ivaitiuk, João Caetano Simão, Dr. Sérgio Conut (primeiro engenheiro), Valdomiro Bartoski, Júlio Bartoski, Miguel Bartoski e Nicolau Steski, dentre outros.
> A Lei n. 15, de 1º de setembro de 1955, criou o Distrito Administrativo de Juranda, com território pertencente ao município de Campo Mourão. A Lei n. 549, de 16 de dezembro de 1981, criou o município de Juranda, com território desmembrado de Mamborê, e a instalação oficial deu-se no dia 1º de fevereiro de 1983 (HISTÓRIA DE JURANDA, ACHE TUDO E REGIÃO. O PORTAL DO BRASIL, PÁGINA REVISADA EM 10 DE JANEIRO DE 2010, ADAPTAÇÃO NOSSA).

De acordo com a visão da historiografia oficial, os pioneiros foram se estabelecendo em 1946, nas proximidades do Rio Carajá, por ser de melhor colocação geográfica e pela qualidade do solo, qualidades essas associadas à água dos rios. O povoado foi iniciado em local onde se encontra a atual Coamo e, desde o início, o interesse era o de transformá-lo em cidade. Assim, os primeiros moradores do povoado e até mesmo os novos pioneiros foram se instalando no local onde hoje está centralizada a cidade de Juranda, e isso foi acontecendo sob a liderança e o acompanhamento da Colonizadora e Imobiliária Szaferman Ltda, que, ao chegar, trazia consigo o ideal de desbravamento.

As empresas colonizadoras, cujos proprietários em 1950 adquiriram terras localizadas na então Comarca de Campo Mourão, deram início, em 1951, às primeiras providências relacionadas à demarcação de terras. Os proprietários da colonizadora resolveram dividir e povoar as terras que a eles pertenciam e, para realizar esse objetivo, tinham que incluir o planejamento e a implantação de uma nova cidade no centro-oeste paranaense.

Segue a lista dos pioneiros: Manoel Antonio Fonseca, Antonio Novak, Felipe Novak, Julio Bartozeski, Seslau Ivatiuk, José Freire Sobrinho, Maria Edista Martins, Paulo Mazur, Luiz Fernando Meneghello, Antonio Modesto de Andrade, João Polinarski, Juarez Ferreira de Lima, João Latzuck Neto, Antonio Hernandes, Francisco Rodrigues de Souza, Oscar Otávio Paulista, Vitório Furlan, Leopoldo Artimam, Joaquim Ferreira de Almeida, Primo Mazzuco, Ricardo Antonio Ditoz, João Ramos, José Pedro de Oliveira, Dona Nenê, Dona Amélia, Paranaika Szeremeta,

Diemes Amadei, Edmundo Welz (REVISTA JURANDA SEU PASSADO... SEU PRESENTE... ADMINISTRAÇÃO CONSCIENTE, FUTURO GARANTIDO. 1992. p.6-17, ADAPTAÇÃO NOSSA).

A listagem acima corrobora os estudos do município e não deixa por sua vez de se tratar de um documento alvo de uma seleção oficial. Para problematizar essa leitura de história, partimos do seguinte questionamento: “Até que ponto o olhar histórico do presente permite dialogar com o passado já ‘construído’ e materializado nos discursos oficiais?”

Diante do exposto acima, é importante ressaltar que essa perspectiva histórica está relacionada com o presente estudo e com a metodologia aplicada, uma vez que foi o ponto de partida para aprofundar conhecimentos sobre o tema trabalhado. Ocorre que a historiografia do município de Juranda-PR até então não era totalmente reconhecida pelos alunos e moradores da cidade, todavia, para apropriação de informações, recorreu-se a materiais e a documentos do acervo cultural do município, entre outras atividades que foram trabalhadas em sala de aula, as quais serão apresentadas mais adiante.

Nesse caso específico, é possível dizer que o olhar recai sobre os atores sociais que participaram do desenvolvimento do município de Juranda durante as décadas de 1950 a 1970, período da ocupação do município pela frente sulista, em sua maioria descendentes de europeus (poloneses e ucranianos) e a maioria com algum grau de parentesco e de sociabilidade entre si. Seriam agricultores, criadores de porcos e alguns extrativistas, vindos de Irati/PR, após uma forte geada que teria atingido toda a lavoura. Nesse período de ocupação também se juntaram nordestinos, que, mesmo em menor quantidade, assim como os sulistas, chegaram à região incentivados pela propaganda do governo do Paraná, mediante a campanha chamada de “Marcha para o Oeste”, inicialmente formulada pelo governo Getúlio Vargas.

Esses nordestinos foram chegando e ocupando a região, atraídos pelos discursos da fertilidade do solo para o cultivo de hortelã e de café, sabendo-se que, por conta do forte inverno seguido de fortes geadas em meados dos anos 1970, essas culturas foram substituídas mediante diversificação com outras culturas ainda hoje presentes.

Os textos citados foram apresentados e problematizados junto com os alunos. Assim, puderam refletir sobre memória e identidade. E essa leitura nos

serviu de introdução ao estudo desses conceitos. Para tanto, concordamos com uma perspectiva próxima à de Le Goff (2006, p. 156), de que “[...] a memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas [...]”, ou seja, ele pode trazer ao presente situações, fatos passados, informações guardados na memória, para que, quando for precisar, possa revivê-los.

Ocorre, no entanto, que a memória não deve ser considerada como um depósito de informações precisas e acabadas, pois, conforme defende Meneses (1992, p. 9), “A elaboração da memória se dá no presente e para responder às solicitações do presente”. Com isso se subentende que é o presente que dá significado, respostas e importância a essa memória.

Meneses (1992) ainda chama a atenção dos historiadores da História Oral para o fato de que também as autobiografias não são estáticas nem apresentam elementos sequenciais, pois que os fatos passados são reestruturados no presente, sem perder “os fios condutores”. Da mesma maneira, o autor ainda afirma que “a memória de grupos” se “organiza, reorganiza, adquire estrutura e se refaz, num processo constante”. Essa dinâmica vem explicitar a discussão sobre a tradição de um grupo social, pois se torna impossível manter sólidos referenciais originais da atuação das gerações passadas, visto que esses referenciais estão continuamente sofrendo intervenções dos atuais integrantes desse grupo social.

A apresentação dessa visão oficial da história do município de Juranda nos serve de introdução à sequência do artigo, momento no qual apresentaremos algumas das atividades desenvolvidas em sala de aula. Comecemos pela própria indicação de atividade a partir da lista dos pioneiros.

2.2 Atividades em Sala de Aula

Na atividade 1, em contraponto à leitura da lista homenageando os pioneiros, fora abordado o questionamento "Quem faz a história?". Um primeiro passo da atividade esteve atrelado à necessidade de levar os alunos a se deterem sobre o fato de que a lista representa uma seleção, significativa pela informação contida, mas insuficiente no tocante às informações daquela época. Esse momento do trabalho deve ser cauteloso, pois, como percebemos, ao trabalhar com a história

local, muitos dos sujeitos apresentados na listagem têm grau de identificação pelas famílias do município. Não se trata então de desconstruir a informação, mas destacar como a informação da representação de alguns significa, ao mesmo tempo, a ausência de outros.

A atividade 2 seguiu com a mesma problemática e indicou aos alunos observarem diferentes imagens de monumentos (Figura 1), alternados com personagens históricos (Figura 2) e algumas imagens do município de Juranda, na TV Pendrive (Figura 3) Em seguida, responderam às seguintes problemáticas: O que você vê?; Já conhece essa imagem?; Como?; Quando?; Onde fica?. Essa atividade permitiu uma avaliação diagnóstica da temática apresentada.

Figura 1: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/> Acesso em: 17 ago. 2011.

Figura 2: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/> Acesso em: 17 ago. 2011.

Figura 3: Disponível em: <http://camarajuranda.pr.gov.br/municipio/especial.php> Acesso em: 17 ago. 2011.

Figura 4: Foto do Acervo Público da Casa da Memória – Juranda/PR

Figura 5: Foto do Acervo Público da Casa da Memória – Juranda/PR

Figura 6: Disponível em: <http://camarajuranda.pr.gov.br/municipio/especialj.php> Acesso em: 17 ago. 2011.

Figura 7: Disponível em: <http://camarajuranda.pr.gov.br/municipio/especial.php> Acesso em: 17 ago. 2011.

Figura 8: Foto do acervo público da Casa da Memória – Juranda/P

Figura 9: Foto do acervo público da Casa da Memória – Juranda/PR

Figura10: Foto do acervo público da Casa da Memória – Juranda/PR

Para a realização da atividade 2 foi entregue a cada aluno uma cópia do poema de Bertold Brecht (Schmitd; Cainelli, p. 59-60), do livro "Ensinar História: perguntas de um trabalhador que lê". Ao mesmo tempo, apresentou-se o texto na TV Pendrive para a realização de leitura coletiva do poema, cujo texto se encontra a seguir.

Quem construiu a Tebas de sete portas?

Nos livros estão nomes de reis.

Arrastaram eles blocos de pedras?
E a Babilônia várias vezes destruída –
Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas
Da Lima dourada moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros, na noite em que
A Muralha da China ficou pronta?
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.
Quem os ergueu? Sobre quem?
Triunfaram os Césares? A decantada Bizâncio
Tinha somente palácios para seus habitantes? Mesmo
Na lendária Atlântida
Os que afogavam gritaram por seus escravos
Na noite em que o mar a tragou.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Sozinho?
Cezar bateu os gauleses.
Não levava sequer um cozinheiro?
Felipe da Espanha chorou, quando sua Armada
Naufragou. Ninguém mais chorou?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu além dele?
Cada página uma vitória.
Quem cozinhava o banquete?
A cada dez anos um grande homem.
Quem pagava a conta?
Tantas histórias.
Tantas questões.

Após a leitura individual e coletiva do poema, os alunos refletiram sobre a leitura feita, respondendo aos seguintes questionamentos por eles formulados, tais como: Quem construiu Juranda?; Quem levantou suas paredes?; Quem aparece nas imagens?; E as nossas tantas histórias?

Em seguida, os alunos produziram uma narrativa sobre os personagens ocultos, utilizando-se das palavras com grifo, uma vez que o objetivo foi encaminhá-los a perceberem as personagens ocultas nesse contexto.

Num segundo momento, para trabalhar a atividade 3, intitulada "Revisitando a História Local", foi utilizado texto sobre a história de Juranda abrangendo sua etimologia, sua colonização, sua origem histórica, os colonizadores e primeiros moradores da localidade vindos entre 1949 e 1950, e a Lei Municipal nº 15, de 1º de setembro de 1955, de Campo Mourão, a qual criou o Distrito Administrativo de Juranda. Para tanto, o objetivo era o de pensar “os verdadeiros sujeitos históricos” realçados no processo de desenvolvimento das sociedades mundiais e locais sob a perspectiva de uma história vista de baixo, das estruturas do mundo do trabalho humano, dos fazedores da História.

Também foi trabalhado com os textos “Juranda ontem e hoje, um passado de lutas e glórias”; e "Obrigado, Pioneiro", ambos retirados da Revista "Juranda, Seu Passado... Seu Presente... Administração Consciente, Futuro Garantido (1992)".

Após a leitura, os alunos fizeram comparações entre esses mesmos textos, abordando as seguintes questões:

A) Que diálogo eles estabelecem com a colonização de Juranda?

B) Que diferenças entre os textos chamam a sua atenção?

C) Quais foram as estratégias adotadas no processo de formação da cidade?

D) Você acredita que, além dos pioneiros citados nos textos, outros sujeitos contribuíram para o processo de colonização do atual território do município de Juranda? Justifique sua resposta.

E) Destaque os argumentos que a colonizadora utilizou para enfatizar a sua atuação no processo de ocupação de Juranda.

F) Como os colonos receberam essa atuação?

G) De que forma o texto "Os Pioneiros" representa o papel dos colonizadores?

D) Se você tivesse que escrever sobre a colonização de Juranda, como representaria os colonizadores?

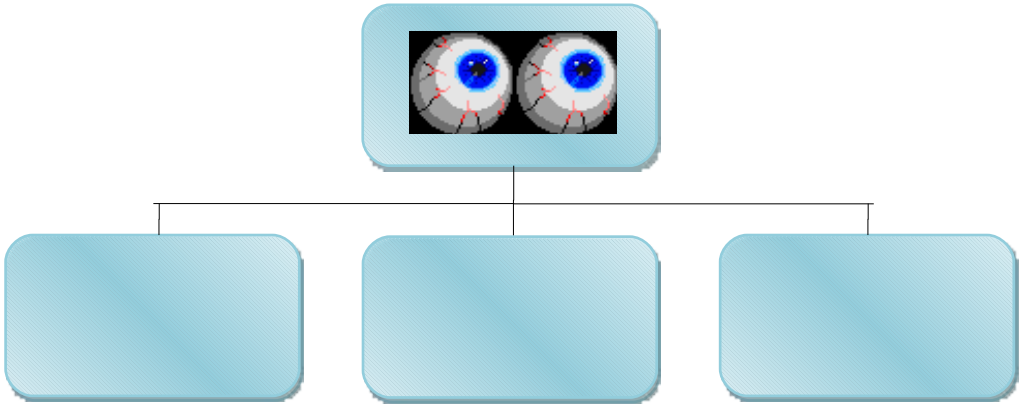
Em seguida, os alunos refletiram e registraram no caderno a visão que os colonizadores defendiam sobre o nome da cidade local.

Dando continuidade, foi feita uma análise e reflexão para a “desconstrução” e/ou contradição da temática “Quem faz a história”. Nesse momento foram formados grupos e apresentadas cópias e vídeo da letra da música "Construção", do compositor Chico Buarque. Para trabalhar com a música, foi realizada a "desconstrução", onde o aluno se tornou o autor, completando a música, trocando o final de cada linha, como, por exemplo: "Amou daquela vez como.....”; "Beijou sua mulher como.....".

Em seguida, responderam ao seguinte questionamento: "Qual é a relação entre o sujeito anônimo” da letra de Chico Buarque com o texto e com os pioneiros de Juranda?

Nessa fase da aplicação do projeto, buscou-se estabelecer, perante os alunos, uma ponte entre sujeitos históricos e a construção dos lugares, especificamente, a própria fisionomia ou materialidade da cidade. Uma das possibilidades da discussão estava atrelada à problematização da própria perpetuação de uma história oficial perante nomes de lugares públicos.

Logo, na atividade 4, intitulada "Revisitando minha Cidade", foi ressaltado aos alunos que ver, muitas vezes, não significa lembrar-se, dar sentido às coisas em nossa volta e articular os fatos observados em um contexto mais amplo. A partir daí, foram feitos os seguintes questionamentos: 1) Você, que reside neste município, estuda nesta escola e que passa pelos mesmos lugares quase todos os dias, tem observado por onde passa? 2) Você realmente observa a sua cidade? Relate 3 imagens importantes que você tem observado no seu trajeto diário.



A partir dessa atividade, foi enfatizado que a atual praça da cidade é conhecida popularmente por praça central (Figura 11), no entanto ela é nomeada

pelo nome de um morador, sendo o sr. Irani Roque Martins, um dos primeiros cartorários da cidade e também vereador. Entretanto, sugeriu-se a pesquisa de um monumento existente na cidade, quem é homenageado e quem foi esse cidadão para o município de Juranda.

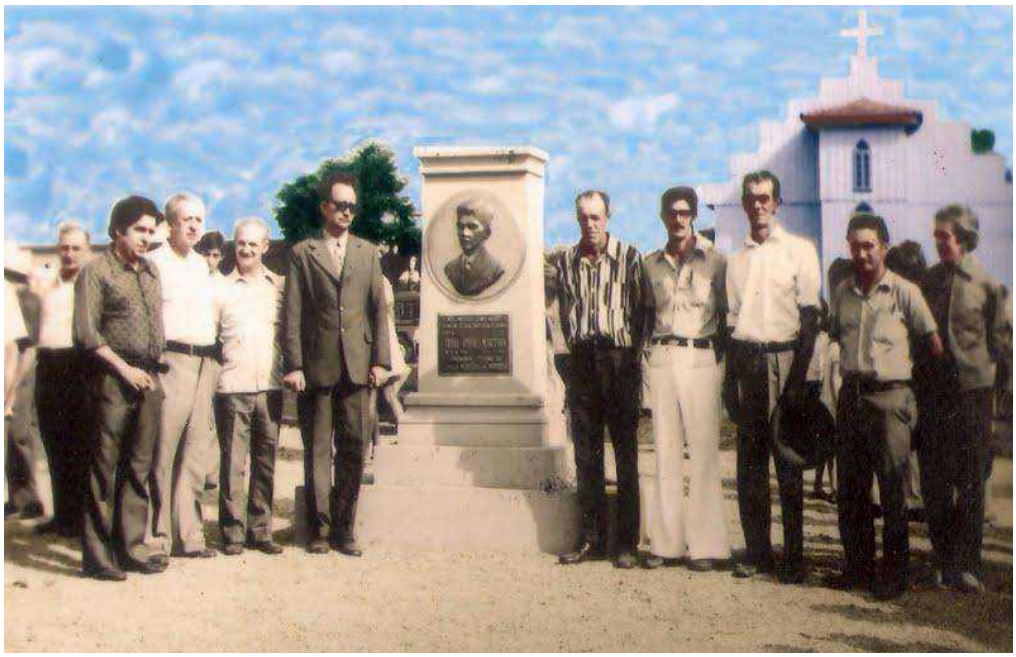


Figura 11 – Arquivo Particular de Valdecir dos Santos Mira.

E, para problematizar a História, questionou-se: "Até que ponto o olhar histórico do presente nos permite dialogar com o passado já “construído” e materializado nos discursos oficiais? Em seguida houve um debate sobre a questão: "Até que ponto os moradores da cidade se reconhecem enquanto pioneiros?". Nesta última atividade, o objetivo foi o de refletir sobre a presença dos pioneiros em memoriais da cidade, além de refletirem sobre memória e identidade.

2.3 A Construção do Acervo Material: novos significados

Para trabalhar o objeto material em sala de aula, como ponto de partida é preciso considerar as representações que os alunos constroem nas suas interações sociais e culturais sobre aquele objeto. Tais representações, agora mediadas pelo educador, passam a identificar e a ordenar cientificamente novos elementos que lhes possibilitem atuar, reconhecer e interpretar a realidade social, dando-lhe novos

significados e, consequentemente, provocando transformação na construção de novos conceitos sobre essa realidade.

O objeto passa a ser definido a partir da construção de uma memória local. Essa memória se refere ao passado, mas não só, pois também envolve o presente: "[...] a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente" (MENESES, 1992). Nesse contexto, o objeto antigo, ao ser analisado, não perde seu significado original quanto aos seus usos e às suas funções originais, em que atende "às contingências sociais, econômicas, tecnológicas, culturais, etc. desse tempo", mas, sim, se torna um objeto portador de sentidos de um tempo que, na atualidade, passa a ser ressignificado no tocante à função e aos usos. Esse objeto antigo "converte-se em valor cognitivo" e sua existência é agora perpetuada nos museus, nas bibliotecas e em ambientes similares, como decoração de ambientes, etc. É, portanto, o presente que lhe confere a importância de sua existência.

Trata-se, portanto, de levar o aluno a produzir com um olhar crítico e dialético sobre o desenvolvimento da história local, partindo de objetos já acervados e, então, também incluir materiais guardados pela família, por vizinhos, por amigos, etc. e que remetam à evolução desse contexto histórico local.

Essas formas de abordagem vão encontrar amparo e incentivo nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998, p. 82-83):

> É fundamental que o professor considere possibilidades de trabalho em que o aluno se sensibilize para a construção e a reconstrução dos conceitos históricos, vivenciando situações em que seja requisitado a associar informações, relacionar e analisar épocas, caracterizar períodos e, simultaneamente, abstrair ideias e generalizar imagens.

São esses referenciais significativos que vão instrumentalizar o aluno para o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais com possibilidades de realizar uma leitura mais reflexiva e crítica da realidade social, e que irão levá-lo à produção do conhecimento histórico e, consequentemente, da sua realidade social.

O historiador Jörn Rüsen (apud Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica de História, 2008) também contribui, com sua teoria, quando ressalta que é através das operações mentais (consciência histórica) que os homens interpretam sua experiência no tempo:

> [...] a aprendizagem histórica configura a capacidade dos jovens se orientarem na vida e constituírem uma identidade a partir da alteridade. A constituição desta identidade se dá na relação com os múltiplos sujeitos e suas respectivas visões de mundo e temporalidades em diversos contextos espaço-temporais por meio da narrativa histórica. Entende-se que esta implica que o passado seja compreendido em relação ao processo de constituição das experiências sociais, culturais e políticas do outro, no domínio próprio do conhecimento histórico (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE HISTÓRIA, 2008, p. 57).

Para tanto, Jörn Rüsen (apud Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica de História, 2008, p. 58) destaca que "[...] a narrativa histórica é a forma de apresentação desse conhecimento e se refere à comunicação entre os sujeitos". Assim, "o passado pode tornar-se presente [...], e adquirir o estatuto de 'história'". De certa maneira, os alunos agora deveriam falar sobre os objetos, atribuírem subjetividade aos utensílios materiais. Essa subjetividade, por sua vez, vai além dos discursos oficiais e convida e ou desafia os alunos a escreverem a história. Nesse sentido, recorremos a Alessandro Portelli (1996, p. 65), para o qual, na história oral e das memórias, as fontes são pessoas, e nenhuma delas aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros. Há de se entender, pois, que tanto a filosofia quanto a motivação vão implícitas nos fatos, e que, para narrar, é preciso expressar o significado da experiência através dos fatos.

Diante dessas premissas, a proposta do presente trabalho permeou-se no ser, no saber e no fazer história, e se realizou no contato que o aluno teve com a sua realidade social. Tratou-se de trazer ao presente (sala de aula) objetos pertinentes ao seu passado e ao passado de sua localidade, pois se sabe que muitos desses objetos já são do conhecimento empírico do aluno, mas agora observados e analisados sob outra perspectiva, sob uma perspectiva reflexiva. Possibilita, assim, um descobrimento de novos significados e, consequentemente, a produção de novos conceitos sobre as relações de trabalho na formação da sociedade local, desde o "povo que ocupou" até como se "desenvolveu" tal sociedade.

A proposta descrita no presente trabalho possibilitou também descobrir o desempenho do povo e, com isso, perceber os "verdadeiros" atores sociais e, possivelmente, reconhecer, dentre os já materializados, atores que foram importantes, mas que não ocupam seu espaço na memória oficial do município. Assim, foi possível saber se o aluno conseguiu perceber a si mesmo nesse contexto

histórico e se conseguiu trazer elementos novos para a sala de aula, elementos para sobre eles refletir, para analisá-los e para reorganizá-los, provocando um movimento de contradição e de reconstrução do saber sobre sua história local.

2.3.1 Repensando a relação entre memória e patrimônio

De acordo com Schmidt; Cainelli (2010, p. 113), “[...] o trabalho com a história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar suas próprias historicidade e identidade”. Assim, trabalhar a história da colonização local partindo do acervo material disponível, complementado com as novas fontes adquiridas durante o estudo, isso faz com que os educandos estabeleçam relações referentes ao “mundo do trabalho” de sua localidade e possam, juntos, participar da construção de outro acervo histórico para compreender esse processo de ocupação e de desenvolvimento sociocultural entre as décadas de 1950 a 1970.

Cabe registrar a ressalva de que, antes de iniciar um trabalho dessa monta, o professor deve se fundamentar num método de ensino que permita aos alunos dialogarem com realidades passadas. Interessa que os alunos ampliem o seu domínio sobre o conteúdo, superando sua compreensão sobre o objeto, para então fazer uso de diversas fontes históricas presentes no seu cotidiano. Esse é o objetivo defendido por Schmitd; Carnelli, em "Pensamento e Ação na Sala de Aula", do livro "Ensinar História":

> O contato com as fontes históricas facilita a familiarização do aluno com formas de representação do passado e do presente, habituando-o a associar o conceito histórico à analise que o origina e fortalecendo sua capacidade de raciocinar baseado em uma situação dada.

Com esse exercício, a aproximação do aluno com fontes materiais, orais, visuais ou escritas, classificadas como “tipologias de fontes primárias”, torna essas fontes familiares a ele e, consequentemente, concretiza a proposta de análise histórica, realizando, assim, a aprendizagem sobre o conteúdo proposto pelo professor (SCHMITD; CARNELLI, p.118).

Antes dos estudos e das visitações que pautaram a atividade 5, coube ressaltar aos alunos o histórico da instituição que identifica a questão patrimônio histórico no Brasil. O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), criado pelo governo Getúlio Vargas, em janeiro de 1937, pela Lei Federal nº 378, com o objetivo de preservar o patrimônio cultural brasileiro, era, naquela época, da competência do Ministério da Educação e da Saúde. Em novembro do mesmo ano foi baixado o Decreto-Lei nº 25, para os fins de organizar a "proteção do patrimônio histórico e artístico nacional", o que atualmente é competência do Ministério da Cultura.

Contemporaneamente, os objetivos da criação de um serviço de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional corroboram a ideia de patrimônio enquanto lugar que nos "remete ao passado". Ribeiro (2005, p. 111) destaca, nesse sentido, que "[...] é preciso reconhecer novos usos e perspectivas de interação com a sociedade que o define a partir de elementos que compõem sua identidade cultural".

Para se chegar a essa visão, muitos caminhos foram percorridos e muitas discussões foram realizadas pelas políticas nacionais e internacionais desde os anos 30 do século XX até os dias atuais. Dentre as discussões mais recentes estão os valores patrimoniais no mundo e no Brasil. A preocupação com o valor estético se contrapõe aos lugares de memória histórica.

Ainda segundo Ribeiro (2005, p. 111), "[...] pensar o patrimônio sem identificar os atores que lhe emprestam significado é esvaziar de sentido qualquer política de conservação de bens naturais e/ou culturais". Para o autor, o patrimônio tem que estabelecer "laços identitários" com as "comunidades sociais que o abrigam". Só assim esses lugares teriam a importância merecida e uma identidade objetiva.

Diante disso, o que se percebe é que lugares como arquivos, bibliotecas, museus, monumentos, arquitetura, comemorações, peregrinações, manuais, autobiografias, associações, etc., são memoriais que têm a sua própria memória histórica. E se possui uma memória própria, está construída junto aos "verdadeiros" atores sociais, os criadores da memória tanto individual quanto coletiva.

Na contemporaneidade, a questão da memória tem sido discutida quanto ao seu lugar na história, e é assunto muito bem colocado por Nora (2006, p.17), em texto traduzido por Yara Aun Khoury (1981). A respeito destaca o autor: "A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade

pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo". Essa premissa é defendida por historiadores da Nova História e se contrapõe à história cristalizada na visão tradicionalista, visão de que a história só é real se for documentada, ou seja, história–memória arquivista ou, ainda, "memória de papel", como dito por Leibniz (apud KHOURY, 1981, p.15).

Dando continuidade à discussão sobre memória, Nora (2006) discute com Le Goff que a história dita "nova", que se esforça por criar uma história científica a partir da memória coletiva, pode ser interpretada como uma revolução da memória e como uma problemática abertamente contemporânea e uma iniciativa decididamente retrospectiva. Trata-se da renúncia a uma temporariedade linear em proveito dos tempos vividos múltiplos, nos níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo. Trata-se de uma história que fermenta a partir dos estudos dos "lugares" da memória coletiva.

É sob essa perspectiva que se projetou levar para a sala de aula alguns objetos pertencentes ao acervo memorial da Casa da Cultura, para serem reestudados, questionados e analisados pelos alunos com objetivo de atribuir-lhes importância histórica, dar-lhes significados, "sentidos" para a sua existência nos diversos lugares da memória local.

O trabalho com história local faz com que o aluno desenvolva o sentimento de pertencimento, lance um novo olhar sobre a sua localidade, passe a compreendê-la como um lugar de memórias e mesmo de contradições. O aprendizado e o conhecimento desses processos de memória são fundamentais para a capacitação dos indivíduos na elaboração e compreensão de sua própria história, de sua habilidade de "fazer história" através dos fragmentos e relatos encontrados nos diferentes "baús", pessoais, familiares, coletivos e institucionais (HORTA, 2008, p.112).

Entretanto, a Casa da Cultura é um espaço cultural que a população jurandense utiliza para uma diversidade de atividades educativas e de lazer, bem como para acesso a documentos que enriquecem os saberes necessários à atual sociedade. Nesse espaço se encontrava um memorial histórico da cidade, produzido mediante um projeto (Casa da Memória) por um grupo de professores do Colégio Estadual "João Maffei Rosa" – Ensino Fundamental e Médio, projeto que coletou, juntamente com os alunos, materiais referentes aos pioneiros de Juranda. A partir daí surgiu o interesse em dar continuidade ao projeto, tendo como embasamento os

materiais lá existentes e relacionados ao mundo do trabalho desses pioneiros, além da busca por novas informações para enriquecer e ampliar o acervo. Também ainda se empreendeu busca por outros personagens históricos que participaram do processo de desenvolvimento do município e que se encontravam ocultos na memória local.

Diante do exposto, é importante ressaltar que, a princípio, a metodologia que foi pensada para ser aplicada contava com uma visitação à Casa da Memória, onde seriam feitos apontamentos, questionamentos juntos aos alunos sobre os materiais e documentos existentes na Casa da Cultura. Devido, porém, às reformas que ocorriam no local, houve a necessidade de mudança no encaminhamento metodológico. A alternativa foi a de trazer imagens-fotografias daquele acervo material para a sala de aula e, assim, concretizar essa fase do projeto.

Assim, na atividade 5, intitulada "Reconhecendo nossa História", os alunos tiveram acesso a algumas imagens desse acervo memorial na Casa da Cultura. A atividade remetia à construção de uma ficha a partir das seguintes questões: Qual é o nome do objeto? Qual é a função do objeto? Quem usava esse objeto? O objeto é ainda utilizado atualmente? Se esse objeto é utilizado atualmente, que função ocupa? Você já teve contato com algum objeto semelhante? Como ocorreu esse contato com o objeto? Se teve contato com o objeto, onde isso ocorreu? Que objetos relacionados ao mundo do trabalho dos pioneiros não foram apresentados na imagem e poderiam também integrar o acervo? Por que motivo esses objetos não se encontram ali? Você reconhece algum sujeito e situação do passado nessa fonte histórica? Cite as pessoas e ou as situações. O que esses sujeitos representam para você? Em que contexto histórico você incluiria esses sujeitos? Qual é a relação desses sujeitos e dessas situações do passado com a sua vida cotidiana?

O objetivo dessa atividade era o de procurar pelos objetos pertencentes ao mundo do trabalho e perceber como estavam disponibilizados na coletânea material, relacionando-os no tempo e espaço. Os alunos expuseram o resultado da experiência em forma de seminário e, nesse momento, organizaram debate pautado nas seguintes afirmativas referentes à relação história x memória x patrimônio histórico:

a) “A elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente” (MENESES, 1992).

b) “Pensar o patrimônio sem identificar os atores que lhe emprestam significado é esvaziar de sentido qualquer política de conservação de bens naturais e/ou culturais” (RIBEIRO, 2005, p. 11).

Em relação à primeira citação, os alunos foram encaminhados a problematizar o significado da seletividade da memória, retomando questões pertinentes à colonização; já em relação à segunda citação, eles destacaram o significado dos lugares históricos a partir dos usos que os próprios moradores fazem desses lugares e dos objetos expostos em museus.

E, para finalizar a pesquisa e apresentações, organizaram uma última atividade, sendo a atividade 6, intitulada "Alimentando a História Local". Nessa atividade, os alunos foram convidados a dar vida aos materiais coletados por eles, expondo-os em forma de um museu. Antes, porém, de iniciar esse trabalho, foi fundamentado um método de ensino que permitiu ao aluno dialogar com realidades passadas, pois o que interessava no momento era que o aluno ampliasse o seu domínio sobre o conteúdo, superando sua compreensão sobre o objeto, para então fazer uso de diversas fontes históricas presentes no seu cotidiano. Afinal, esse é o objetivo defendido por Schmitd; Carnelli em "Pensamento e Ação na Sala de Aula", do livro "Ensinar História": O contato com as fontes históricas facilita a familiarização do aluno com formas de representação do passado e do presente, habituando-o a associar o conceito histórico à analise que o origina e fortalecendo sua capacidade de raciocinar baseado em uma situação dada.

Nesse sentido, os alunos puderam analisar imagens de alguns artefatos pertencentes à Casa da Memória e, a partir daí, dar início à busca de novos objetos históricos (Figura 12), relacionados ao período abrangido por este trabalho, para possível debate dos sujeitos envolvidos no processo de colonização da cidade, uma vez que são sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento econômico, social e cultural do município de Juranda-PR.

Figura 12: Imagem cedida pela Casa da Memória – Juranda/PR

Com esse exercício, a aproximação do aluno com fontes materiais, orais, visuais ou escritas, classificadas como “tipologias de fontes primárias” (SCHMITT; CARNELLI, p. 118), torna essas fontes familiares a ele e, consequentemente, concretiza a proposta de análise histórica, realizando, assim, a aprendizagem sobre o conteúdo proposto pelo professor.

A partir daí, para "recorrer às fontes", a princípio, dividiu-se a sala em grupos para coletarem materiais, da família, do vizinho, do amigo ou de pessoas da localidade (materiais relacionados ao trabalho da época passada em questão, como fontes de acervo material). Em seguida, cada grupo fez a catalogação do material coletado, acompanhado por uma ficha técnica previamente elaborada. Em seguida, cada objeto coletado foi analisado pelo grupo, relacionando-o aos sujeitos aos quais pertenceu e à história do desenvolvimento da sociedade jurandense. Essa fase do trabalho de grupo dos alunos esteve marcada pela produção de narrativas, com entrevistas a familiares e a outros moradores da cidade.

Para tanto, utilizaram a ficha de reconhecimento, respondendo aos seguintes questionamentos:

Qual é o nome do objeto?

A quem pertence?

Que função ocupava?

É utilizado hoje?

Se é, que função ocupa?

Você tem contato com algum objeto semelhante?

Se tem, como o utiliza?

Qual é o significado do objeto?

Que significado ele tinha para as pessoas que o fizeram?

Que significado ele tinha para as pessoas que o utilizaram?

Que significado tinha para as pessoas que o guardaram?

Que significado ele tem para você?

Que significado ele teria para um trabalhador rural?

E para um comerciante? Teria o mesmo significado?

Que significado ele teria em um museu?

Dos objetos expostos, destaque três relacionados ao mundo do trabalho.

Que objetos relacionados ao mundo do trabalho você percebe que estão faltando? Relacione-os.

A amostra teve destaque no colégio, quando foi preparado um espaço na escola para a montagem de um Museu de Ofícios. Cada grupo preparou a disposição do material coletado e catalogado, completada pelas respostas da ficha já respondida pelos alunos ao fazerem a análise do material. Após, houve um sorteio, cada grupo apresentou o seu trabalho no espaço do Museu na Escola, durante uma semana, nos intervalos de recreio, preparados para responder a eventuais questionamentos pelos visitantes.

Figura 13: Amostra "Museu do Ofício" no Colégio Estadual "João Maffei Rosa"

O Museu de Ofícios de Juranda é um espaço cultural que apresenta e difunde uma parte do acervo representativo do universo do trabalho, dos ofícios do trabalhador jurandense. Trata-se, pois, de um lugar de encontro do trabalhador consigo mesmo, com sua história e com o seu tempo.

Figura 14: Amostra "Museu do Ofício" no Colégio Estadual "João Maffei Rosa". Espaço da Memória com um colonizador relatando sua participação na formação do município

Figura 15: Amostra "Museu do Ofício" no Colégio Estadual "João Maffei Rosa".

Figura 16: Amostra "Museu do Ofício" no Colégio Estadual "João Maffei Rosa"

Uma amostra de objetos, instrumentos e utensílios relacionados ao mundo do trabalho, entre as décadas de 1950 a 70, período correspondente à colonização de Juranda. É, assim, um espaço coerente, bem próximo do trabalhador.

Figura 17: Amostra "Museu do Ofício" no Colégio Estadual "João Maffei Rosa"

A Figura 17 é a imagem de um lampião, o qual foi, por longos anos, utilizado pelo sr. José Galdino da Silva e sua esposa Eliza Pedro da Silva na década de 1960, quando não existia energia elétrica no sítio onde moravam. Vindos de Alagoas para Juranda, foram dos primeiros habitantes que ali chegaram. Hoje são falecidos, mas lembrados pelos seus familiares.

Figura 18: Amostra "Museu do Ofício" no Colégio Estadual "João Maffei Rosa"

Figura 19: Amostra "Museu do Ofício" no Colégio Estadual "João Maffei Rosa". Simulação de um bar e mercearia no município.

As peças foram coletadas e catalogadas pelos alunos durante o andamento do Projeto Estudo do Acervo Material em Sala de Aula, cujo objetivo era a Memória Presente, ou seja, conhecer sua história local a partir dos objetos acervados ou coletados durante os trabalhos. As peças que deram origem ao Museu são pertencentes às famílias de Juranda. São peças originais referentes aos ofícios praticados por moradores, e retratam a sua contribuição ao desenvolvimento da sociedade local. Nela estão representados os mais variados ofícios do homem jurandense. São ferramentas, utensílios, máquinas e equipamentos diversos que, individualmente ou em conjunto, conduziam cada visitante a uma identificação com o universo de trabalho ali referenciado. A observação do acervo também revela que,

mesmo quando desenvolve uma peça voltada para suprir uma necessidade de trabalho, o homem usa sua capacidade criativa e se expressa com arte e sensibilidade.

Figura 20: Amostra "Museu do Ofício" no Colégio Estadual "João Maffei Rosa". Simulação de um dos primeiros armazéns de secos e molhados no município.

Os alunos estavam acompanhados de um pioneiro ou de um representante para interagir com o público presente. E, para a concretização final do trabalho, apresentou-se, junto ao Museu na Escola, um documentário de todo o trabalho realizado durante a aplicação do Projeto. Após a apresentação do novo acervo na escola, pretende-se obter cessão de direitos autorais sobre os materiais coletados e entregar ao município para comporem o acervo Memorial do Ofício, junto aos demais acervos já expostos na Casa da Cultura.

Entende-se, junto com o que já explicitou Meneses (1992, p. 15-16), que são ainda escassos, e fazem grande falta, estudos que examinem a fisiologia das categorias de memória. Dessa maneira, problemas graves, como o da apropriação das memórias individuais, ainda são muito mal compreendidos: "Tais as transferências de memória na circulação de objetos, são conhecidos quase que tão só no seu nível empírico imediato [...]", servindo de exemplo, para ressaltar as lacunas, bem como o potencial que conclui o problema do *souvenir*. Esse problema da apropriação e transferência da memória individual (coletiva) transforma-se num dos aspectos críticos (seja como campo de atuação ou como objeto de conhecimento) do domínio do patrimônio cultural, de premente atualidade.

3 Conclusão

O trabalho elaborado partiu de pesquisas no acervo memorial sobre a diversidade de fontes relacionadas à História de Juranda; de análise do desenvolvimento sociocultural da sociedade jurandense entre as décadas de 1950 a 70, para dar significado às memórias dos migrantes-colonizadores; e reflexão sobre o silenciamento do acervo como local de poder.

A partir dessas perspectivas, conclui-se que o trabalho foi de grande relevância para os alunos envolvidos no projeto, no sentido da sua formação como sujeitos conhecedores de sua história local, e participantes sabedores da importância de sua geração na formação sociocultural do povo jurandense.

Diante disso, é possível dizer que, através da criticidade, os sujeitos foram capazes de reconhecer o fruto de seu tempo, uma vez que se "humanizaram" pelo conhecimento e, sendo este socialmente construído, é indispensável que se conheça a formação histórica da qual se faz parte, mesmo estando vinculada às memórias individuais.

Mesmo assim, contudo, para a concretização do presente trabalho, foi preciso esclarecer dúvidas, comprovar e desmistificar fatos com reflexões críticas e dialéticas sobre os objetos e as pessoas estudados, para assim poder contribuir com a comunidade escolar sobre sua história local, para que os integrantes dessa comunidade se reconhecessem nesse processo historicamente construído pelos seus antepassados.

4 Referências Bibliográficas

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/juranda.pdf>.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Os lugares de memória. In: SILVA, René Marc da Costa (Org.). **Cultura popular e educação:** salto para o futuro. Brasília, Secretaria de Educação à Distância - SEED, 2008. p. 112.

KHOURY, Y. A. **Projeto história.** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PU-SP. São Paulo: Brasil, 1981.

LE GOFF, J. Identidades culturais: patrimônios e memórias. In: PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Revista Eletrônica**, **CEDAP**, vol. 2, nº 2. Assis, SP: UNESP, 2006, p. 156.

MACCARI, Neiva Salete Kern. **Migrações e memórias:** a colonização do oeste paranaense. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Paraná como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A história, cativa da memória?: para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB),** São Paulo, nº 34, p. 9-24, 1992.

NORA, Pierre. Identidades culturais: patrimônios e memórias In: PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Revista Eletrônica**, **CEDAP**, vol. 2, nº 2. Assis, SP: UNESP, 2006.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação, Superintendência da Educação. **Diretrizes curriculares estaduais para o ensino de história.** Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2008.
PORTELLI, A. **A filosofia e os fatos:** narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo. Rio de Janeiro. vol.1, n.2, 1996, p.59-72.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JURANDA – PARANÁ. Disponível em: <http://www.juranda.pr.gov.br/nossa cidade. php#>. Acesso em: 28 jul. 2011.

RAPHAEL SAMUEL. **Documentação:** história local e história oral. Rev. Bras. De Hist. São Paulo: v.9, n.19, p.219-243. Set.89/fev.90.

RIBEIRO, W. C. Patrimônio da humanidade, cultura e lugar. **Revista Diálogos**, Maringá, v. 9, nº 1, p. 111, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene Rosa. **Ensinar história:** pensamento e ação na sala de aula. São Paulo: Scipione, 2010. p. 54-118,133.

_____*Poema de Bertold Breach*. Perguntas de um trabalhador que lê. p. 59.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Juranda, seu passado, seu presente-administração consciente, futuro garantido. **Revista,** Prefeito Antônio Hernandes, Juranda/1992-5.

SOBANSKI, Adriane de Quadros et alii. **Ensinar e aprender história:** histórias em quadrinhos e canções. Metodologia do ensino médio. Curitiba, PR: BASE Editorial, 2009. p. 67-84.